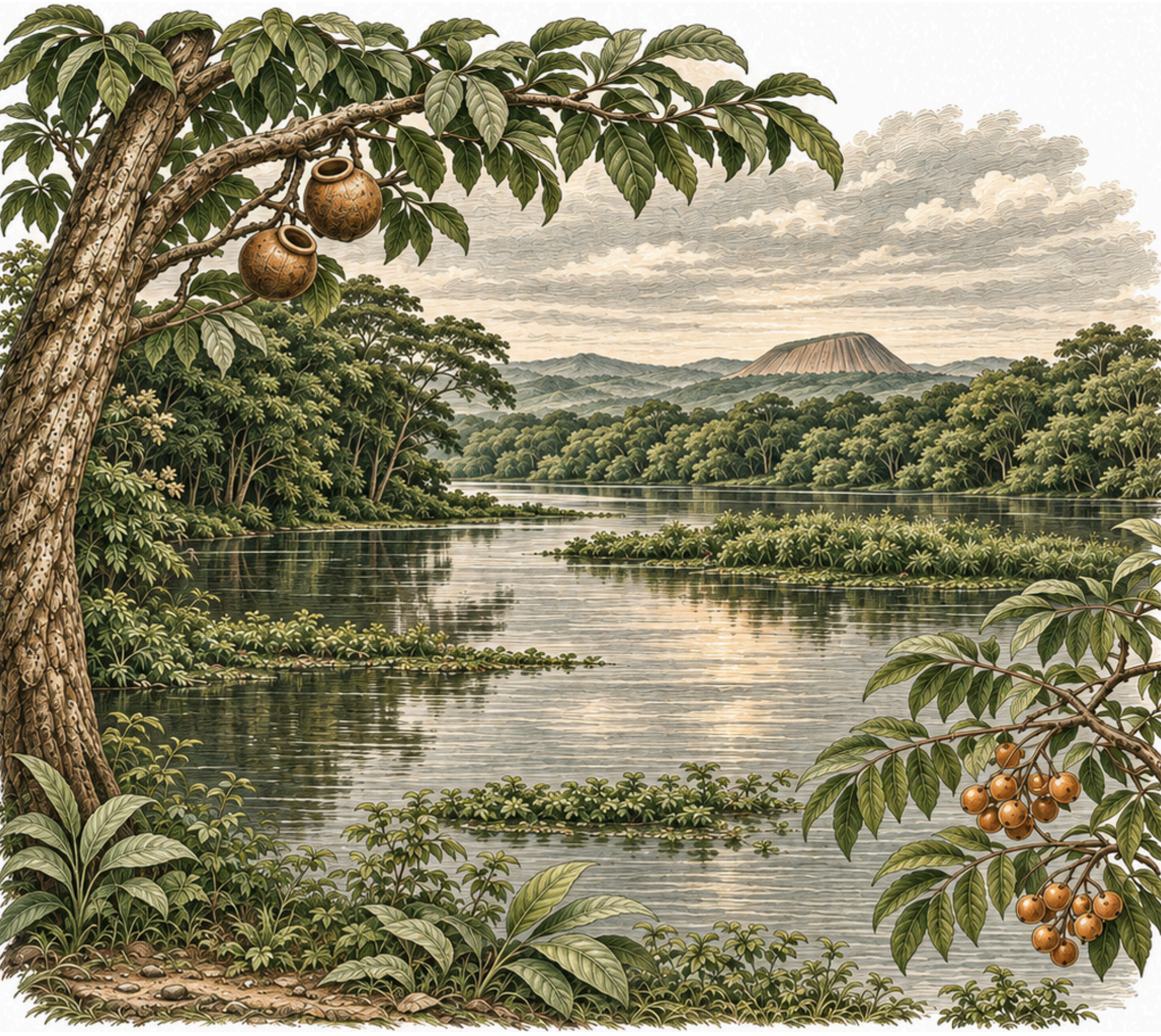
KRIM ORUTU

PAÑIKEYUÑUN UXO

NOSSO TERRITÓRIO

Protocolo biocultural comunitário



POVO PURI · MÉDIO RIO DOCE

Expediente

Comunidade Indígena Puri Krim Orutu
Versão 1 · novembro de 2026

Lideranças Responsáveis
Puoná Xipu Puri
Pôtyra Puri

Coleta de depoimentos
Pôtyra Puri

Coordenação geral e direção de arte
Kupan Orutu Puri

Pessoas ouvidas
Xipu Ximam Puri
Mercia Aparecida Arantes de Oliveira
Marly Evangelista Ribeiro
Puoná Xipu Puri
João Paulo dos Santos
Edes Liberato Fagundes
Kupan Orutu Puri

Fotografias
As fotografias sem crédito individual pertencem ao acervo da Comunidade Indígena Puri Krim Orutu. Os demais créditos e licenças estão indicados nas respectivas imagens.

Sobre este protocolo

Este protocolo reúne memórias, conhecimentos e modos de viver da Comunidade Indígena Puri Krim Orutu. Foi feito para guardar um registro da comunidade, apoiar a transmissão de seus conhecimentos e apresentar nossa história a quem chega de fora.

Sua construção começou com entrevistas com os anciãos e a escuta de parentes. Depois, o texto foi aberto à contribuição pública. A passagem de uma etapa à outra ocorreu sempre com a aprovação das lideranças.

Esta é a versão aberta do protocolo. Ela apresenta o que a comunidade escolheu compartilhar. Os conhecimentos reservados à vida interna da Krim Orutu não fazem parte desta publicação.

O registro pode receber correções e novas contribuições. A memória continua nas conversas, nas práticas e nas relações entre as gerações. As próximas versões devem respeitar o mesmo cuidado de escuta e aprovação comunitária.

Versão 1 · novembro de 2026
Comunidade Indígena Puri Krim Orutu

CAMINHOS DESTE CADERNO

Sumário

01 Histórias no quintal 05

02 Os Puri antes das fronteiras 06

03 Dos vales ao Médio Rio Doce 09

04 A Krim de hoje 11

05 Dauáma e a força de reunir nosso povo 13

06 O que fizeram às nossas avós 15

07 O rio que alimentava 16

08 Fogo, café e roça 18

09 As sementes que escolhemos guardar 20

10 Sapucaias e outras árvores 22

11 A Lua e as estrelas do terreiro 24

12 Raizeiros e o rapé 25

13 Plantas de cuidado 26

14 Cestos, cuias e adornos 29

15 Grafismos: Purika e Ñamake 31

16 As palavras e os cantos 33

17 Continuamos Puri 35

18 Quem contribuiu 36

01

Histórias no quintal

Quando a noite chegava, o quintal virava lugar de histórias. Pais e mães se sentavam com os filhos, falavam da Estrela Dalva, das estrelas cadentes e contavam o que sabiam. As crianças olhavam para cima, procurando no céu aquilo de que ouviam falar. Essa lembrança chegou até nós pela voz dos mais velhos e ainda guarda a alegria de aprender assim: perto de quem conta, com tempo para ouvir.

Durante o dia, outras histórias apareciam na beira do Rio Doce, nas tarefas da roça e dentro de casa. O nome dos peixes, o jeito das águas, o tempo de plantar e colher, o café torrado, as plantas de cuidado, os cantos e os objetos feitos à mão. Quando fomos escutar nossos anciãos, vieram lembranças cheias desses detalhes.

Em alguns casos, as avós conversavam abertamente com os netos, contavam seus costumes e ensinavam o que sabiam. Em outros, a infância aparece atravessada pelo silêncio, pelo trabalho e pelas dificuldades para estudar. São experiências diferentes que ajudam a compreender por onde nossos conhecimentos chegaram até aqui.

Este caderno reúne parte dessas conversas da Krim Orutu, entre Itueta e Resplendor, no Médio Rio Doce. Somos Puri, assim como parentes de outras regiões, cada qual com suas histórias e experiências. Aqui partilhamos o que ouvimos, o que seguimos vivendo e o que pudemos conhecer melhor nos registros sobre nosso povo. Quem abre estas páginas pode chegar perto, como quem se senta no quintal para escutar uma boa história.



02

Os Puri antes das fronteiras

Muito antes de existirem as divisas de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, os Puri viviam entre as serras e os rios do Sudeste. Os documentos antigos mencionam nossa presença nas bacias do Paraíba do Sul, do Itabapoana e do Rio Doce, entre vários outros locais. Eram lugares de moradia, de circulação e de contato entre povos. A mata oferecia caminhos, plantas, caça e água; as famílias conheciam suas épocas e seus perigos. Nenhum mapa do presente dá conta, sozinho, de nos mostrar tudo o que havia ali.



Puri na floresta. “Les Puris dans leurs forêts” (1822). Gravura segundo Wied-Neuwied, de G. Rist e F. A. Seyffer. Acervo Brasiliana Iconográfica/Pinacoteca.

Viajantes, militares, religiosos e funcionários da administração colonial escreveram sobre nosso povo nos séculos XVIII e XIX. Registraram palavras, desenharam rostos e descreveram aldeamentos. Graças a esses papéis, podemos encontrar sinais de antigas presenças; mas precisamos perguntar quem os escreveu e para quê. Vários desses homens participavam de um mundo que tomava as terras indígenas e procurava controlar seus habitantes. Lemos seus relatos com atenção e também com desconfiança. A palavra passada dentro das famílias ajuda a perceber o que eles não souberam, ou não quiseram, registrar.



Cabanas Puri. “Les cabanes des Puris” (1822). Gravura segundo Wied-Neuwied, de M. G. Cichler Jr. Acervo Brasiliana Iconográfica/Pinacoteca.

Com a chegada das fazendas, os aldeamentos forçados e a ocupação das terras, muitos parentes foram deslocados. Mulheres foram capturadas, famílias se separaram e práticas passaram a ser escondidas.
A pressão para abandonar nomes indígenas alcançou a escola, os documentos e o trabalho.

Há famílias que aprenderam cedo a responder com outro nome para não sofrer discriminação. O registro oficial dizia cada vez menos sobre nós, enquanto a vida continuava do lado de dentro das casas.

Quem procura o povo Puri apenas nas páginas antigas pode imaginar uma interrupção que não houve na vida das famílias. Depois dos aldeamentos e das fazendas vieram novas formas de moradia, trabalho e convivência.

Algumas palavras permaneceram; outras deixaram de ser pronunciadas.
Só que nossos costumes são mais fortes que o apagamento, resistindo, apesar de tudo.

Habilidades foram aprendidas com avós e mães, mesmo quando ninguém as chamava de cultura indígena.

Seguimos Puri sem precisar fingir que os últimos séculos passaram por nós sem deixar marcas.



Retratos Puri (detalhe). Recorte da parte superior de imagem atribuída a Johann Moritz Rugendas, século XIX.
Reprodução: Wikimedia Commons (domínio público).

03

Dos vales ao Médio Rio Doce

Os Puri são lembrados em paisagens muito diferentes do Sudeste. As serras de Minas, os vales do Paraíba e os caminhos em direção ao litoral têm matas, rios e formas de plantar que mudam de lugar para lugar.

A história de uma família do alto da serra não é igual à de outra que cresceu às margens do Rio Doce. Há deslocamentos e encontros entre regiões, com trajetórias diferentes entre as famílias. O que temos são presenças documentadas e memórias que se encontram.

No Médio Rio Doce, lembramos o peixe que chegava à panela, a água buscada no rio, a roça perto de casa e as brincadeiras das crianças na margem.

Os mais velhos da aldeia se lembram da chegada à região quando a mata era virgem e fechada, com onça, porco-do-mato e outros animais.

Os caminhos eram abertos a facão e era preciso muita coragem e sabedoria para viver sem estrutura, como hoje em dia temos.



Os nomes das cidades mudaram, assim como o modo de trabalhar e as possibilidades de viver da terra. Algumas pessoas ficaram; outras se mudaram. Nessas idas e vindas se formaram relações que permanecem entre nossos parentes.

A marginalização histórica se deu em duas frentes: no campo, pela exploração do trabalho na lavoura e apropriação de suas técnicas ancestrais de manejo da terra; e nas cidades, para onde fomos empurrados, restando-nos apenas ocupações manuais e o setor de serviços.



Navegação no Rio Doce. “Navigation sur un bras du Rio Doce” (1822), segundo Wied-Neuwied; gravura de Johann Philipp Veith. Brasiliana Iconográfica.

Os registros históricos de outras partes do Sudeste, como Paraopeba e a Zona da Mata, nos ajudam a conhecer experiências de parentes Puri que viveram em lugares e momentos diferentes.

04

A Krim de hoje

A organização comunitária cresceu de encontros, conversas e da necessidade de cuidar dos nossos direitos.

Depois do rompimento da barragem de Fundão, em 2015, a preocupação com o Rio Doce ganhou outra urgência. As discussões sobre reparação passaram a tratar da pesca, dos banhos, da alimentação e da confiança das famílias no rio. Em 2024, a comunidade fortaleceu sua própria organização de atingidos e uma comissão para acompanhar os assuntos.

Em 30 de agosto de 2026, a Krim encerrou uma etapa de Consulta Livre, Prévia e Informada sobre a repactuação do Rio Doce. Anciãos, famílias e juventude participaram de um processo de informação e decisão coletiva. Esse marco acrescenta à história da comissão de 2024 a responsabilidade de acompanhar como as medidas de reparação alcançarão o território e a vida comunitária.





Orla do Rio Doce em Resplendor. Vista da orla sul a partir da margem norte. Foto: HVL (2026), Wikimedia Commons, CC BY 4.0.

A Krim busca respeito, território, condições de vida, autonomia e espaço para que as próximas gerações aprendam com os anciãos.

05

Dauáma e a força de reunir nosso povo

Puoná Xipu Puri é a Dauáma da Krim Orutu. Dauáma é um título usado para uma liderança feminina. Mulher, mãe e avó, Puoná conduz uma caminhada que aproxima a memória recebida em família da organização de nosso povo no presente. Sua liderança está na articulação dos parentes, na defesa do território e na busca de condições para que os mais novos cresçam com a cultura viva.







Muito do que Dauáma Puoná aprendeu veio de sua vó, quando ela morava ainda em Belo Horizonte. Depois da morte da avó, quando tinha quinze anos, ela decidiu deixar a capital e voltar à região de origem da família.



Enedina Rosa, avó da Dauáma Puoná Xipu Puri.

Famílias Puri passaram a procurá-la, e desses encontros nasceu um grupo que levantou outras lideranças e organizou a associação. A articulação alcançou parentes do Médio e do Baixo Rio Doce e acompanhou a retomada em Itueta.

A associação dá forma pública a relações e conhecimentos que já existiam nas famílias.

Antes da retomada, sua própria casa acolhia encontros da comunidade. Em 2024, Dauáma denunciou como os danos ao Rio Doce afastavam as famílias da pesca e dos banhos e dificultavam o acesso às sementes usadas no artesanato.

O trabalho de memória também aparece no resultado final retificado do edital estadual Saberes Gerais de 2025. A proposta “Puoná mestra da memoria Puri”, inscrita em seu nome, foi aprovada e classificada.

No acolhimento de pessoas que procuram reconstruir vínculos com a Krim, Dauáma participa da avaliação e das conversas, junto ao trabalho de escuta da equipe. A aproximação envolve conhecer histórias, conviver e construir responsabilidades com a comunidade.



Dauáma junto a seu pai, Álvaro Sérgio

06

O que fizeram às nossas avós

As histórias de nossos antepassados incluem mulheres retiradas à força de seus lugares, mantidas em cativeiro e obrigadas a viver com homens que não escolheram.

As pessoas passavam barro no corpo para se esconder entre as árvores. Quando descobertas, eram levadas e escravizadas para trabalhar nas fazendas.

Essa violência aparece nas lembranças da Krim e em relatos de parentes Puri de outras regiões. Os episódios, que têm pessoas e circunstâncias diferentes, mostram que o rapto de indígenas fez parte de um processo de ocupação e violência que alcançou muitas famílias.

Durante anos, a expressão “pega no laço” serviu para contar situações como essas. Preferimos não usá-la como explicação da nossa origem. Ela pode fazer parecer corriqueiro, ou até romântico, um ato de violência. Uma mulher levada contra a vontade não escolheu o companheiro nem a vida que lhe impuseram. Ao falar dessas antepassadas, dizemos o que aconteceu: foram raptadas, sofreram abusos e tiveram a liberdade arrancada. É assim que queremos ensinar essa parte da história.

Não conhecemos essas mulheres somente pelo que sofreram. Muitas seguiram criando os filhos, trabalhando, cuidando de outros e guardando lembranças de seu povo. Algumas transmitiram nomes e palavras em puri, plantas e modos de preparo; outras talvez tenham se calado para proteger quem estava perto. O que sabemos da violência precisa conviver com o respeito às vidas de nossas avós e bisavós.

O medo continuou por muito tempo, mesmo quando já não havia cativeiro. Às vezes aparecia na vergonha na escola, na dificuldade de conseguir trabalho, na zombaria diante de quem se identificava como indígena.

Palavras que hoje conseguimos falar em público ficaram restritas dentro das famílias. Quando as dizemos novamente, damos espaço ao que foi vivido e honramos aqueles que vieram antes de nós.

07

O rio que alimentava

Para falar do Rio Doce, os mais velhos lembram primeiro o que faziam nele. Pescavam, buscavam água, tomavam banho, conheciam os trechos de correnteza e levavam comida para casa. Crianças cresciam aprendendo onde podiam entrar e onde era melhor respeitar a força da água. Quando o rio mudou, mudou também a rotina de quem dependia dele. Deixar de pescar não é perder somente um alimento. É perder ocasiões de ensinar o nome de um peixe, um horário de pesca, o jeito de preparar a comida.

Ainda lembramos da transparência da água e da fartura de peixes e camarões. O banho no rio também guardava uma dimensão familiar e espiritual.



Rio Doce em Resplendor. Fotografia de ArionStar (2024), Wikimedia Commons, licença CC0.

A alimentação puri do Rio Doce vem com nomes certeiros: banana, laranja, mexerica, inhame das grotas, feijão colhido na roça. Também se fala do peixe e das maneiras de aproveitar o que a terra dá em cada época. Nem todos viviam em fartura. Nas fazendas, houve muito trabalho duro, dependência e infância encurtada. A roça sustentava a casa e exigia esforços que nem sempre eram recompensados.

O rompimento de Fundão agravou uma situação de danos e incerteza já vivida no Rio Doce. Há perdas que cabem nos documentos de reparação e outras que ficam difíceis de pôr em números. Entre essas perdas estão o receio de consumir os peixes da região e a impossibilidade de levar as crianças para se banhar onde seus avós se banhavam. O dano alcança o alimento, o corpo e a confiança no lugar. É por isso que defender o rio faz parte da defesa da nossa cultura.

Queremos que nossos filhos e netos conheçam mais do que a história de um rio perdido. Precisam ter condições de se aproximar da água, aprender a reconhecer os animais e participar dos cuidados com as margens. A luta pelo território e pela reparação está ligada a essa possibilidade concreta.



08

Fogo, café e roça

O fogão de lenha precisava de atenção durante o dia. Era necessário separar madeira seca, colocar a lenha no momento certo e guardar uma brasa para reacender o fogo. Há lembranças de fogões que passavam a noite com calor suficiente para a primeira tarefa da manhã.
E assim sempre foi com nossos antepassados. Nas aldeias antigas, o fogo era mantido aceso fosse dia ou fosse noite. Quem cuidava do fogo sabia o trabalho que dava perder a brasa e ter de começar outra vez.

Em nossa cosmologia, o fogo está ligado à proteção e à continuidade.

Do fogão saíam o feijão e o tutu. Antes, alguém também havia socado milho, colhido e torrado café, moído o que precisava, aproveitado a cana para fazer garapa ou rapadura. Parte da comida era posta para secar ao sol e durar mais. Essas tarefas exigiam tempo, paciência e conhecimento do clima.

Aprendia-se observando: a hora de tirar a panela do fogo, o ponto do café, o jeito de guardar para o dia seguinte.



Milho, batata, mandioca e banana aparecem entre os alimentos colhidos em casa. O milho era deixado secar e depois triturado para fazer canjiquinha. Nas brasas da fogueira, assavam batata-doce, mandioca e milho.

Queremos respeitar o nosso tempo e o da floresta.

Na roça, é preciso saber quando plantar, quais sementes guardar para a próxima safra e o que pode crescer junto. Há épocas de trabalhar a terra e outras de deixá-la descansar. Aprendemos essas escolhas no dia a dia, com quem já conhece o lugar e a época de cada plantio.



09

As sementes que escolhemos guardar

Uma semente pode seguir caminhos muito diferentes. Se algumas ficam guardadas para o próximo plantio, outras entram num colar, numa pulseira ou num adorno feito para acompanhar alguém.

Semente é alimento. E semente é proteção.

Reconhecemos uma árvore pelo fruto, pelo cheiro ou pela época em que suas sementes caem. Recolher, separar e conservar tudo isso exige atenção. Quando um parente ensina a identificar uma semente, ensina também a olhar para a árvore que a produziu e seu ciclo.

A saboneteira, conhecida na botânica como Sapindus saponaria, produz sementes redondas, escuras e resistentes. Seu uso em cordões é tradição antiga puri. Elas aparecem em adornos para a nossa proteção e são um símbolo de pertencimento.



Saboneteira – frutos e sementes. Sapindus saponaria. Foto: Kupan Puri (2025), CC BY-SA 3.0.

Na Krim, falar das sementes envolve a possibilidade de aprender a escolhê-las, furá-las, fazer um adorno e plantar novas árvores. O trabalho tem sua beleza, mas deve ter limites: colher sem esgotar, esperar o fruto amadurecer, guardar o que poderá nascer, respeitar a mata como parte de nós.

O acesso às sementes também depende do acesso ao território. Dauáma relatou a dificuldade de colher olho-de-boi nos lugares antes frequentados pela comunidade e a vontade de produzir mudas. Guardar e plantar pode ajudar a manter a matéria-prima dos adornos e a relação com os lugares de coleta.

Uma das formas de conservar sementes para o plantio é por meio da cinza e da fumaça do fogão.



10

Sapucaias e outras árvores

Um tema sagrado para o povo puri do Rio Doce é o Bosque das Sapucaias. Ele é um lugar de passagem após a morte, de encontro com os ancestrais e de fartura.

O fruto da sapucaia tem casca dura e uma abertura parecida com a tampa de uma pequena vasilha. Lá dentro ficam as sementes. É uma árvore de copa marcante, que abriga outros seres e muda ao longo do ano. O fruto ainda nos leva às lembranças das urnas funerárias usadas pelos nossos antepassados, pois tinham formas semelhantes.



Sapucaia – fruto. Lecythis pisonis. Fotografia de Evaldo Resende (2019), CC BY-SA 4.0.

A acaiaca e a gameleira surgem em outras histórias. A acaiaca é uma árvore de proteção e de relação espiritual; a gameleira está ligada a presenças e experiências que ultrapassam o que os olhos alcançam.

Quem convive com as árvores sabe coisas que o desenho de suas copas não mostra: a sombra em certas horas, o fruto que atrai bichos, a água que escorre perto das raízes, o tempo que ela leva para crescer. Cuidar de uma saboneteira, sapucaia, acaiaca ou gameleira é também cuidar do lugar onde outros seres vivem.



Representação artística do Bosque das Sapucaias.

11

A Lua e as estrelas do terreiro

Quando nascia uma criança, ela era apresentada à Lua. A lembrança recebida de nossos mais velhos fala de um gesto acompanhado de um rezo para pedir ajuda na criação daquele novo ser.

A Lua, o Sol e o vento ajudavam a observar as horas, as mudanças do tempo e o momento de plantar. Muitos moradores do campo aprenderam a fazer essas leituras, cada qual com as referências do lugar e da família.

Petara é um canto Puri ligado à Lua e que cantamos na aldeia.

Petara

> Petara, Petara
> Poteh Miripom.
>
> Chiman Schuteh
> Dokora dieh!



12

Raizeiros e o rapé

Na hora do nascimento, havia o auxílio da parteira. Para uma dor ou outro incômodo, podia-se procurar o raizeiro ou alguém que soubesse benzer. A confiança vinha de conhecer a pessoa, sua experiência e quem a havia ensinado. Plantas e palavras tinham lugar nessas relações de cuidado.

O rapé é uma medicina sagrada, inclusive em cuidados ligados ao pós-parto. Até hoje usamos o rapé como uma importante conexão espiritual com nossos ancestrais e com a floresta. Há ainda o aspecto social das rodas de rapé.

Além disso, rapé também é usado por nós no tratamento de incômodos nasais.

As palavras dos mais velhos trazem nomes de folhas e raízes, cheiros, lugares de coleta e as formas de preparo.

Não substituímos os tratamentos médicos pelo nosso conhecimento tradicional. Mas há lugar para que a medicina e nossos saberes andem de lado a lado, complementando o potencial de cura, tanto físico quanto espiritual.



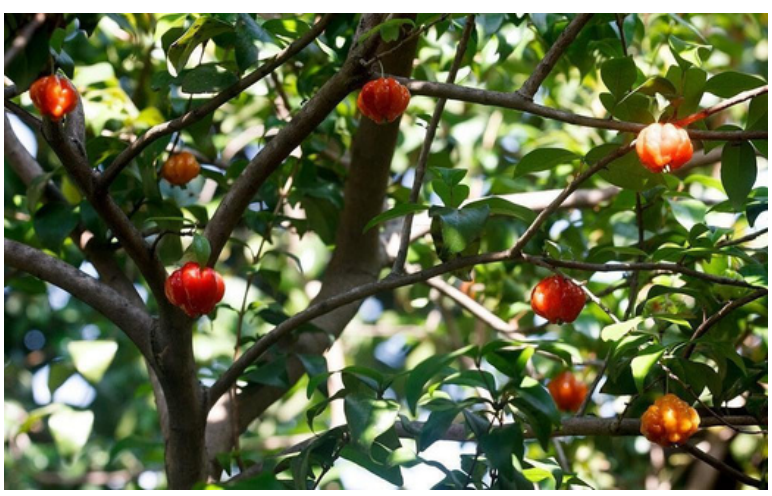
Dauáma em uma consagração da medicina do rapé.

13

Plantas de cuidado

Aprendemos a reconhecer e cuidar dessas plantas com os mais velhos, no quintal e na mata. Algumas são nativas da Mata Atlântica. Outras chegaram de longe e passaram a fazer parte da vida cotidiana das famílias.

Plantas da Mata Atlântica



Pitanga — Eugenia uniflora
Foto: Tijden · CC BY-SA 4.0



Guaco — Mikania glomerata
Foto: Douglas Dias Paim · Flora Digital

Pitanga. A pitangueira (Eugenia uniflora) é uma árvore nativa da Mata Atlântica. Seus frutos vermelhos são consumidos ao natural e também em sucos e doces; as aves igualmente se alimentam deles. As folhas são conhecidas pelo uso tradicional em chás para diarreia e desconfortos intestinais.

Guaco. O guaco (Mikania glomerata) é um cipó nativo do Brasil e presente na Mata Atlântica, com folhas aromáticas e pequenas flores claras. Suas folhas são usadas em preparos como chás, garrafadas e xaropes para tosse, catarro e outros incômodos respiratórios. A espécie é reconhecida pela ação expectorante, que ajuda a eliminar secreções, e broncodilatadora, que facilita a passagem do ar.

Plantas adotadas no cuidado cotidiano



Capim-cidreira — Cymbopogon citratus
Foto: Rafael Ghidini · CC BY-SA 4.0



Tanchagem — Plantago major
Foto: H. Zell · CC BY-SA 3.0

Capim-cidreira. O capim-cidreira (Cymbopogon citratus), também chamado de capim-santo ou capim-limão, forma touceiras de folhas longas e perfumadas. Originário da Ásia, espalhou-se pelos quintais brasileiros, onde suas folhas são utilizadas principalmente no preparo de chá. Na medicina popular, esse chá é conhecido pelo uso para aliviar cólicas e desconfortos digestivos e como calmante suave em momentos de nervosismo ou dificuldade para dormir.

Tanchagem. A tanchagem (Plantago major) é uma planta baixa, de folhas largas com nervuras bem marcadas e hastes finas com pequenas flores e sementes. Originária da Eurásia, tornou-se muito utilizada por nós. Suas folhas são utilizadas tradicionalmente em preparos para gargarejos nos cuidados com irritações da boca e da garganta, incluindo a rouquidão, e em cuidados externos com inflamações e pequenas feridas da pele.

Outras plantas sagradas

O boldo-de-jardim é um arbusto de folhas opostas, peludas e de bordas dentadas, com flores azuladas ou violáceas. Suas folhas têm uso popular para má digestão, azia e mal-estar no estômago. Pode ser multiplicado por pedaços do caule, as estacas. Além do uso para cuidar da saúde física, é uma planta importante para benzimento e banhos, cuidando também de nossa saúde espiritual.

As folhas de amora são usadas em banhos de purificação, também chamados de banhos de descarrego.



Boldo-de-jardim — Coleus barbatus
Foto: David J. Stang · CC BY-SA 4.0
Referência botânica · enquadramento ajustado



Amora — Morus nigra
Foto: Sten Porse · CC BY-SA 3.0
Referência botânica · enquadramento ajustado

A lista de plantas de cuidado da Krim é grande. Apenas uma pequena parte desses conhecimentos pode ser compartilhada neste caderno; os preparos e ensinamentos reservados permanecem na comunidade. E precisamos lembrar que cada planta citada aqui precisa ser preparada por quem conhece seu uso e aprendeu o manejo com os nossos anciãos.



14

Cestos, cuias e adornos

O balaio precisava aguentar o peso do que seria levado. O berço de palha tinha de acolher o corpo da criança. Uma esteira era feita pensando em decoração e para bloquear a umidade dos pés. Para produzir essas peças, era necessário conhecer a fibra: saber quando dobrar, até onde puxar e como evitar que se partisse. A gente aprendia ao ver outras pessoas trabalharem e é assim que a tradição segue até hoje.

As saias de fibra vegetal também estão nessas lembranças. Dentro da comunidade ainda trabalhamos as fibras e as mulheres criam suas saias. A vestimenta é utilizada nos momentos de encontro da comunidade.

É comum o uso da fibra do bambuí, ou cana-da-índia, na confecção de saias e conta-de-lágrima nos colares e pulseiras.

Também utilizamos cuias. A cabaça, lembrada em algumas casas como coetê, servia à alimentação e às tarefas da casa. Em outros momentos vieram o crochê, o trabalho com pano e diferentes cestarias. Os materiais mudaram conforme as necessidades e o que havia disponível.

Ainda que sejam acessíveis utensílios modernos para a casa, mantemos as peças de fibra como conexão com os que já se encantaram e como decorações que combinam com o que fazemos e com o lugar onde moramos.





O maracá acompanha cantos e encontros; as fibras e sementes pedem reconhecimento da mata. Algumas técnicas podem ser mostradas a todos; outras precisam de ensino acompanhado por quem as conserva.

Mesmo que não precisemos mais da caça como fonte de alimentação, arcos e flechas estão presentes para honrar a tradição.





15

Grafismos: Purika e Ñamake

Pintamos o rosto, o corpo e também fazemos desenhos em peças de barro, fibras e adornos. Esses traços têm nomes e histórias. Entre nós, um grafismo pode dizer de que povo somos, recordar um ser da mata ou expressar uma relação de proteção. Para compreender uma pintura, precisamos conhecer quem a faz, quando a usa e o que ela comunica. Olhar apenas para a forma deixa muita coisa de fora.

Usamos urucum, jenipapo, carvão, dedos, fibras e pequenos aplicadores.

Um dos grafismos Puri que mais usamos é o Purika. É formado por três pontos no rosto. Um puri reconhece facilmente um outro puri que utiliza Purika. Seu uso nos aproxima de parentes de diferentes regiões e ajuda a tornar visível um pertencimento que antes muitas pessoas tiveram de esconder.

Esse grafismo tem um significado muito especial para nós, mas faz parte do nosso sagrado e por isso fica como conhecimento reservado aos puris das comunidades.

É comum nos sentirmos atraídos a desenhar e pintar os nossos piriremas. Sempre que um puri desenha as linhas sagradas, ele é guiado pelas mãos de seus ancestrais.



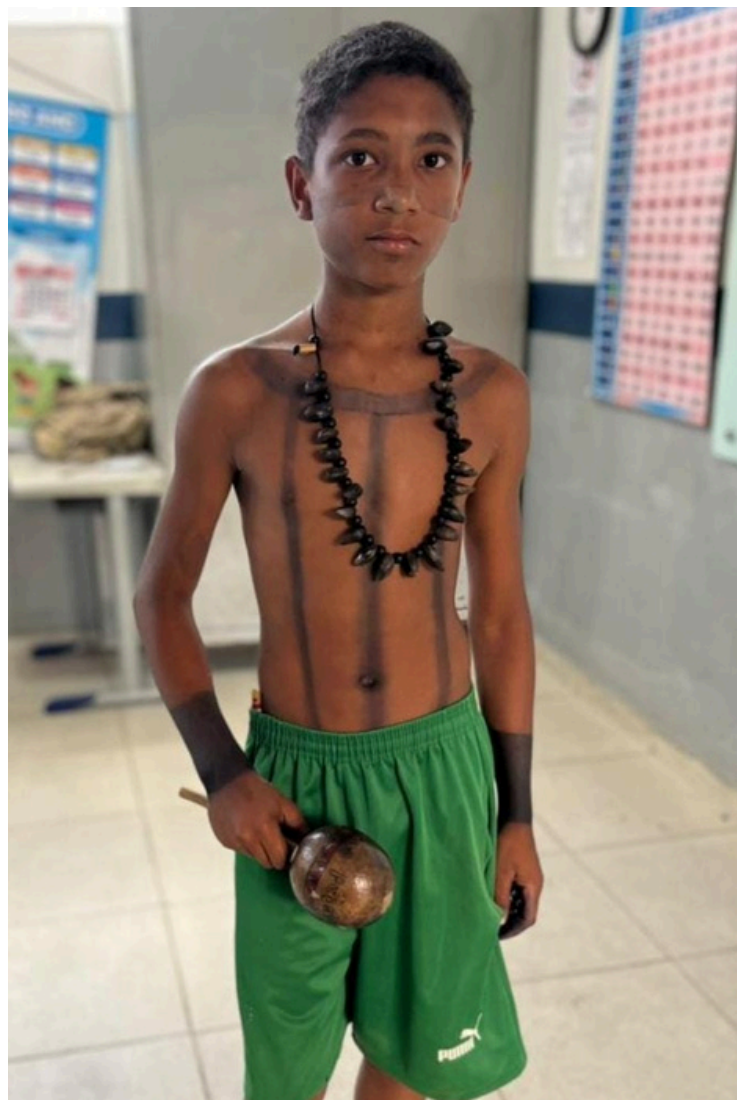


O Ñamake, grafismo do peixe, é uma criação Puri contemporânea e bem importante para a Krim. Os parentes que o difundiram o relacionam à memória das caminhadas entre a mata, os rios e o litoral.









16

As palavras e os cantos

A língua Puri foi registrada em vocabulários antigos, guardada de diferentes maneiras nas famílias e estudada por parentes no presente. Parte do que hoje se ensina vem do trabalho de retomada linguística conhecido como Kwaytikindo, feito com pesquisa, comparação de registros e participação Puri. Esse esforço permite voltar a cantar e a trabalhar com palavras que muitas pessoas não tiveram chance de aprender. Nossos rezos sagrados são chamados de kanaremunde.

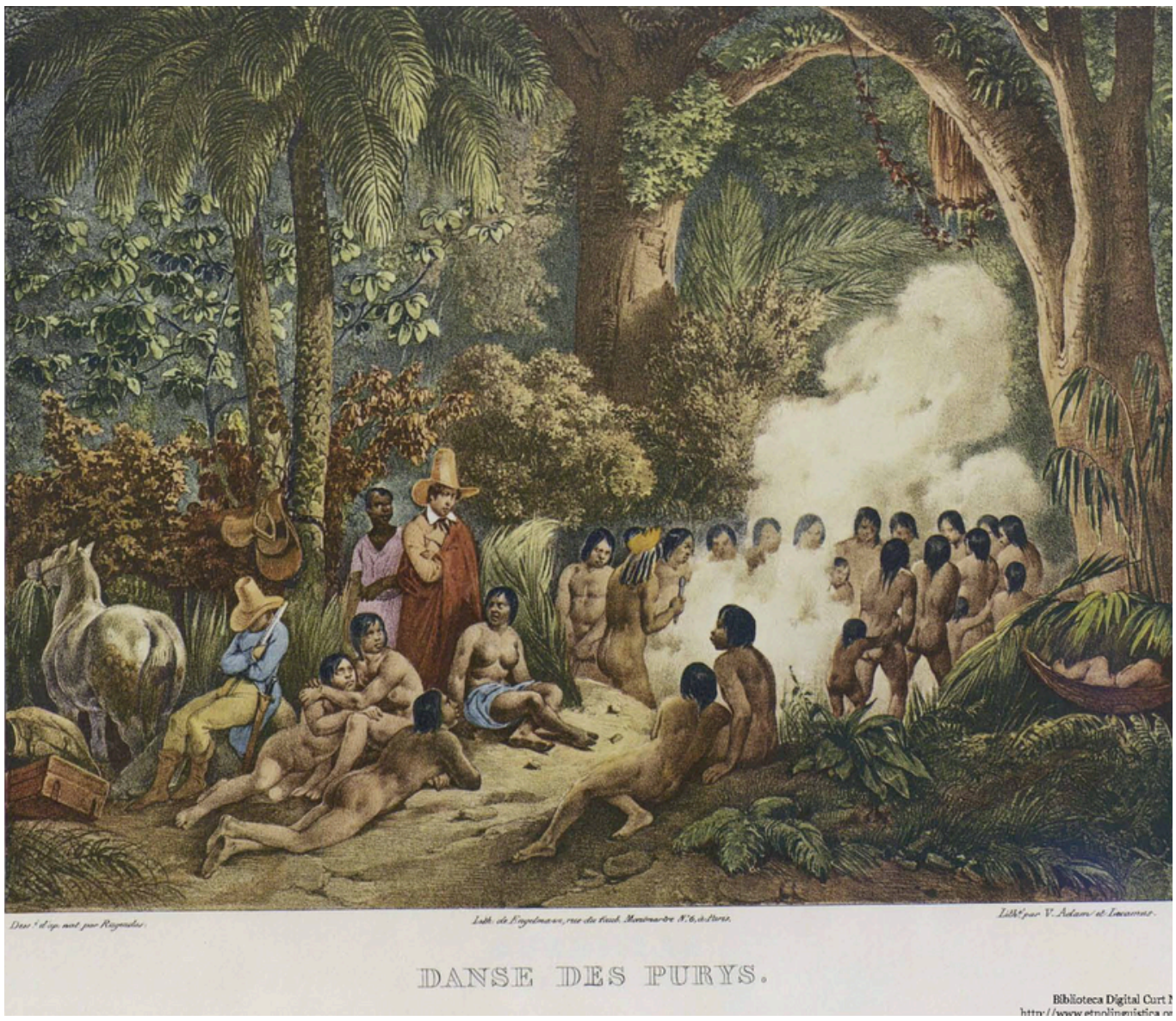
Nossa dauáma lembra que a avó colocava as crianças sentadas e dançava para elas. Cantava na língua indígena um canto que dizia ser de festa. Ela guarda a lembrança desse momento e da beleza do canto, embora não consiga recuperar sua letra.

Tangweta

> Hê hê, hê hê, hê hê hê, hê hê
> Tangweta tangwa txo
> Ñawera txori kemun
> Hê hê, hê hê, hê hê hê, hê hê
> Ey lakareh, omrin, apon
> Ah sate prika txo



A tradução do canto acima fala da sombra sobre o macaco, de Ñawera caminhando na floresta, do braço, arco e flecha e da visão dos irmãos e irmãs.



Dança Puri. “Tanz der Puris” (1835). Litografia de Johann Moritz Rugendas; representação artística europeia do século XIX.

Nossos cantos podem ser entoados em círculos ao redor da fogueira. O maracá faz a marcação do ritmo, sendo instrumento presente e indispensável nesses momentos.







17

Continuamos Puri

Muita gente espera encontrar uma única maneira de ser indígena: certa roupa, uma casa longe da cidade, uma pintura no rosto em qualquer ocasião. Nossa vida tem muitas formas. Parentes Puri moram em comunidades rurais, em cidades, perto ou longe dos lugares onde os avós viveram.

Nosso pertencimento comunitário se constrói nos vínculos com o povo, independentemente do lugar onde cada parente mora. Cada puri contribui do seu jeito e de seu lugar, sempre respeitando nossa liderança e as tradições do povo.

Não ficamos presos aos séculos passados. O sangue Puri está nas pessoas que hoje organizam nossos encontros, cuidam da terra, cantam e continuam ensinando os mais novos.

A Krim Orutu é lembrada como uma conquista da luta por reconhecimento e direitos. O desejo dos nossos anciãos para seus filhos, netos e bisnetos é que os artesanatos, os cantos, os conhecimentos e a língua continuem presentes.



18

Quem contribuiu

Este trabalho reúne muitas contribuições: os anciãos e parentes que partilharam lembranças, aqueles que ajudaram a reunir gravações e documentos e as pessoas que colaboraram na organização do material.

Ao longo da escrita, consultamos também estudos históricos, pesquisas sobre plantas e documentos de outras comunidades Puri.

A escrita continua depois desta versão. Nossa comunidade é viva. Algum parente poderá lembrar de um detalhe, corrigir o nome de uma planta ou trazer outra história.

Este caderno pode ser reproduzido e compartilhado, desde que seja dado o devido crédito à Comunidade Indígena Puri Krim Orutu, respeitando também os créditos e as licenças das imagens, cantos e demais obras de outras autorias.

Quem quiser conhecer mais sobre nossa história, se aproximar da comunidade ou apoiar nossa caminhada pode entrar em contato pelos canais oficiais da Krim Orutu.
krimorutu.com.br/retomada/

Tenuahi. Gratidão.





